

## ***Introdução***

### *Apresentação e justificação do tema*

*“Da pobreza envergonhada à prática da prostituição - uma abordagem literária”* é o tema do trabalho de fim de curso que ora apresentamos. Nele, expomos o resultado da pesquisa levada a cabo, com incidência na relação pobreza-prostituição e no tratamento literário que recebeu de alguns dos nossos escritores, entre os quais Baltasar Lopes e António Aurélio Gonçalves.

Este tema coloca-nos de forma clara perante o problema da pobreza nas ilhas, com um enfoque especial na ilha de São Vicente, o espaço geo-literário e social que enquadra as narrativas – contos e novelas – dos autores em estudo. O drama da miséria traz consigo outros tantos graves problemas sociais, de entre os quais se destaca a prostituição feminina, tema central do conto *A Caderneta* de Baltasar Lopes da Silva bem como a novela *Virgens Loucas* de Aurélio Gonçalves.

Localizadas numa época e num tempo histórico, marcados por grandes convulsões sociais, num contexto sociocultural, político e ideológico adverso, as narrativas reconstituem uma sociedade onde imperam as dificuldades de sobrevivência de uma população encurralada pelos dramas de uma existência dramática e sem futuro.

As mulheres das camadas sociais mais desfavorecidas, socialmente fragilizadas, são as vítimas directas deste estado de coisas, apresentando-se neste quadro como as presas fáceis de um submundo que as atrai e faz delas marionetas manipuladas pela força e pela lei do mais forte.

Sabemos que pobreza é um tema importantíssimo em África, em geral, e em Cabo Verde, em particular. Assunto complexo tem vindo a ser objecto de estudo por vários teóricos que não se têm entendido quanto a uma base conceptual de análise do fenómeno devido não só à multiplicidade de abordagens como também por recobrir diversas dimensões que o remetem para diferentes domínios do conhecimento. Existe, contudo, unanimidade em torno da ideia de que não se trata de um fenómeno exclusivo do continente africano, por se verificar em outras partes do Globo, mesmo em países com uma economia desenvolvida, e que o estudo deste mesmo fenómeno, que grassa a nível mundial, é de capital importância para que medidas de políticas sejam tomadas no sentido senão da reversão do quadro de pobreza mundial pelo menos de uma redução efectiva do fenómeno, como tem preconizado, de alguns anos para cá, as Nações Unidas e outras organizações internacionais.<sup>1</sup>

Em Cabo Verde, a pobreza foi, ao longo dos tempos, um problema social grave, de ampla dimensão e consequências gravosas para as populações, relacionada sobretudo com os ciclos de seca e com o frágil equilíbrio do desenvolvimento económico. Neste quadro, Mindelo, o cenário diegético, não escapa a este flagelo.

Não sendo a pobreza um fenómeno que tenha colhido os olhares dos estudiosos da Literatura, embora tenha vindo a ser objecto de estudo por vários teóricos por recobrir diversas dimensões e áreas do conhecimento, sabe-se, hoje, que sociólogos, antropólogos, historiadores e economistas têm desenvolvido profundas reflexões em torno deste assunto o que resulta em metodologias e em olhares diversos sobre o tema. Assim, este trabalho que é motivado por uma exigência curricular, com o objectivo primeiramente académico de iniciação à

---

<sup>1</sup>Durante os anos 90, estas organizações se debatiam pela erradicação de pobreza, tendo, nos finais do século, reconvertido as metas quanto ao fenómeno de pobreza: de erradicação passou-se a aspirar a redução da pobreza.

pesquisa científica e de aprofundamento dos conhecimentos, já construídos ao longo do curso, pretende desenvolver uma abordagem dos textos já enunciados em torno desta dramática realidade que é a pobreza orientada para o seu impacto sobre a camada feminina cabo-verdiana plasmada em universos recriados imaginariamente.

Despertou a nossa atenção a forte recorrência da presença das personagens femininas nesses mundos, desempenhando um conjunto variado de papéis sociais, entre as quais a mais velha profissão do mundo, partindo do princípio de que se pode atender à relação entre o meio e a personalidade do indivíduo bem como a capacidade de modelização do comportamento, das atitudes, dos princípios e valores.

Sem pretender entrar na polémica e complexa questão, mas sempre tão actual no âmbito dos estudos literários, que tanta tinta já fez correr, do conceito de género e subgénero literários, a perspectiva a adoptar relaciona-se directamente com a abordagem de uma das dimensões do conceito plurissignificativo de pobreza ainda pouco estudado – a pobreza envergonhada.

#### *Objectivos da pesquisa*

Esta pesquisa tem como objectivo primeiro delinear os contornos da “pobreza envergonhada”, pela forma como é representada em textos literários, a partir de uma abordagem mais geral do fenómeno da pobreza, e lançar as pontes que articulam essa realidade com outra realidade social que consiste na prática da prostituição por uma determinada classe de mulheres num tempo e num espaço bem identificados.

Assim, consiste o *objectivo geral* desta pesquisa “*Articular o fenómeno da pobreza com o da pobreza envergonhada e com a prática da prostituição pelas personagens femininas em textos narrativos*”.

Mais especificamente, almeja-se alcançar os seguintes *objectivos específicos*:

- enquadrar teoricamente o conceito de pobreza.
- delinear os contornos do conceito de *pobreza envergonhada* a partir da revisão bibliográfica sobre a problemática da pobreza;
- articular o conceito de pobreza com prática da prostituição;
- reconstruir o tratamento literário dado ao tema em textos literários cabo-verdianos;

#### *Pergunta de partida*

Que relação se pode construir entre a *pobreza envergonhada* e a *prática da prostituição* por mulheres das camadas sociais mais desfavorecidas representadas na literatura cabo-verdiana?

#### *Aspectos metodológicos*

Os eixos metodológicos em que se estriba esta pesquisa decorrem dos princípios teóricos e dos fundamentos literários da abordagem do texto a partir da identificação e constituição do corpus textual.

A pesquisa bibliográfica constituirá a espinha dorsal da postura metodológica intentando a edificação de bases teóricas sólidas que expliquem e fundamentem as abordagens, os pressupostos e fundamentos bem como as opções. Intenta-se uma abordagem mais geral sobre o fenómeno da pobreza a

partir do qual se definem os contornos do conceito mais específico de “*pobreza envergonhada*”, representada em textos literários.

A base teórica é construída pela leitura de obras de alguns estudiosos, cabo-verdianos e estrangeiros, que fizeram deste assunto objecto da sua atenção. De entre eles, destaca-se sobretudo Amartya Sen, galardoado, em 1998, com o Prémio Nobel da Economia, pela publicação da sua obra mais conhecida, que se intitula *O Desenvolvimento como Liberdade*, obra que a crítica aclamou como sendo notável por colocar “*a liberdade individual no âmago de uma análise compreensiva da economia global.*”

Do mesmo modo, os *Relatórios de Desenvolvimento Humano (RDH)* publicados anualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) permitem uma compreensão e uma abordagem mais ampla do fenómeno da pobreza no mundo, mais especificamente, na África Subsaariana, espaço do continente em que o país se encontra politico-geográfico e estrategicamente inserido.

Orientar-se-á também pelos pressupostos metodológicos subjacentes a qualquer trabalho de pesquisa a desenvolver no final de um percurso académico. A postura metodológica que melhor se adequa a este trabalho é a qualitativa.

#### *Estrutura do trabalho*

O trabalho encontra-se estruturado em diferentes capítulos como se descreve abaixo:

*INTRODUÇÃO* – nesta primeira parte desta pesquisa, apresenta-se o tema, sob o título “ *DA POBREZA ENVERGONHADA À PRÁTICA DA*

*PROSTITUIÇÃO: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA*” e justifica as razões pelas quais se escolheu este e não outro tema para se iniciar na pesquisa científica. Abarca ainda os objectivos que se definiram bem como a formulação da pergunta de partida e os caminhos metodológicos a trilhar.

*Capítulo I* - de grande relevância, este capítulo intitulado *DA POBREZA À POBREZA ENVERGONHADA - CONCEPTUALIZAÇÃO* desenvolve uma abordagem mais geral sobre o fenómeno da pobreza a partir do qual define os contornos do conceito mais específico de “*pobreza envergonhada*”, representada em textos literários. A leitura de diferentes teóricos, de que se destaca Amartya Sen, galardoado com o Prémio Nobel da Economia em 1998, sobretudo a sua obra *O Desenvolvimento como Liberdade*, e os *Relatórios do Desenvolvimento Humano* (RDH) publicados anualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU), dando conta da situação da pobreza no mundo, permitem a edificação da base teórica em que assenta esta abordagem.

*Capítulo II* - intitula-se *PARA UMA ABORDAGEM LITERÁRIA DA POBREZA*; encerra o estudo de textos seleccionados, analisa a relação pobreza - prostituição no sentido de compreender de que modo o fenómeno da pobreza empurra para a prostituição as personagens femininas (e não outras), representadas nas obras, bem como a sua concentração em alguns espaços, tradicionalmente considerados espaços de prostituição, como é o caso da cidade de Mindelo, reconstituindo as histórias de vida dessas personagens afectadas pela pobreza e empurradas para esta prática anti-social.

*Capítulo III-* apresentam-se as *CONSIDERAÇÕES FINAIS* decorrentes da pesquisa efectuada, da discussão teórica travada, bem assim algumas dúvidas e interrogações encontradas cujas respostas não foram de imediato vislumbradas.

*Capítulo IV* – reúne a *BIBLIOGRAFIA* – activa e passiva – que serviu de suporte bibliográfico ao trabalho.

### *1.1. Conceito de pobreza*

Pobreza é um fenómeno complexo que tem vindo a ser objecto de estudo por vários teóricos que não se têm entendido quanto a uma base conceptual de abordagem do fenómeno devido não só à multiplicidade de abordagens como também por recobrir diversas dimensões que o remetem para determinados domínios do conhecimento, sendo, no entanto, reivindicado, com alguma exclusividade, pelo domínio económico. Sociólogos, antropólogos, historiadores e economistas desenvolveram profundas reflexões em torno deste assunto o que resulta em metodologias e em olhares diversos sobre o tema.

Existe, contudo, unanimidade em torno da ideia de que o estudo deste fenómeno, que grassa a nível mundial, é de capital importância para que medidas de políticas sejam tomadas no sentido senão da reversão do quadro de pobreza mundial pelo menos de uma redução efectiva do fenómeno, como tem preconizado, de alguns anos para cá, as Nações Unidas e outras organizações internacionais.<sup>2</sup>

Assim, neste trabalho propõe-se lançar um olhar - relâmpago sobre os quadros teóricos que têm fundamentado o estudo da pobreza para tentar perceber como tem sido entendido pelos estudiosos da matéria e como tem sido olhado para este fenómeno que grassa nos países subdesenvolvidos da África subsaariana, nosso objecto de leitura, e noutras partes do Globo.

A abordagem do fenómeno da pobreza coloca algumas questões do foro teórico-metodológico que importa clarificar. Desde logo, há que referir a

---

<sup>2</sup> Durante os anos 90, estas organizações se debatiam pela erradicação de pobreza, tendo, nos finais do século, reconvertido as metas quanto ao fenómeno de pobreza: de erradicação passou-se a aspirar a redução da pobreza.



multiplicidade de definições do conceito que apontam, por vezes, para direcções opostas, o que redundará numa pluralidade de posicionamentos e pontos de vista. A pluridimensionalidade do termo constitui a questão teórica fundamental no entendimento desta matéria, que tem feito derramar rios de tinta, em função não só do seu carácter fortemente polissémico como pela abrangência das dimensões que lhe são conferidas. A vasta bibliografia existente sobre o tema exhibe vários conceitos ligados à pobreza, o que levanta problemas conceptuais sérios e inviabiliza de certo modo a consensualidade na definição das medidas a adoptar-se no seu combate.

Na mesma perspectiva, reconhece-se a pobreza não como um fenómeno isolado, que ocorra *per se*, mas como uma realidade em estreita articulação com outras realidades sociais, económicas, históricas e culturais, recorrentes nos países ditos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, como a explosão demográfica, as desigualdades sociais, a exclusão social e a marginalidade, os conflitos armados, as doenças, a mortalidade infantil, a diminuição da esperança de vida, entre outros.

Por conseguinte, parece não haver dúvidas relativamente ao facto de que a pobreza se faz anunciar através de formas, as mais variadas, que vão desde as elevadas taxas de mortalidade infantil, registadas em muitos países do mundo, ao difícil acesso à educação e à saúde, às deficientes condições de saneamento básico, aos níveis absolutamente precários de nutrição até à baixa expectativa de vida. De um outro ângulo, há a considerar que à pobreza não diz respeito apenas às necessidades, mas a própria privação de direitos. Daí se poder falar das mil facetas da pobreza.

Impõe-se, por isso, uma abordagem teórica e conceptual desta realidade já que se apresenta como um conceito de geometria variável, dotado de uma multiplicidade de sentidos construídos em função da conjugação de factores de

natureza diversa - tempo, espaço (de país para país), de indivíduo para indivíduo, entre outros.

Num Relatório<sup>3</sup> em que se analisa a situação da pobreza no Senegal pode ler-se:

*“Le concept de pauvreté pose toutefois problème en raison de son caractère multidimensionnel. On considère généralement que la pauvreté implique, fondamentalement, l’absence d’accès à un revenu, aux possibilités d’emploi, aux droits normalement accordés par le pays à ses citoyens tels que, par exemples, la libre détermination de la consommation de biens et de services, l’accès au logement ou aux denrées et articles de première nécessité.*

*E acrescenta ainda que :*

*« Dans la pratique, deux approches sont généralement utilisées pour définir la pauvreté : l’une objective, l’autre dite subjective. L’approche objective, qui est la plus courante, se fonde sur une information quantitative résumée à travers un indicateur monétaire ou non monétaire. Une ligne de pauvreté est alors définie comme un seuil en deçà duquel le ménage ou (l’individu) est considéré comme pauvre. Quant à l’approche subjective, elle est basée sur la perception par les populations elles-mêmes de leurs conditions d’existence. Les populations interrogées s’auto désignent pauvres ou non pauvres selon les critères qui leur sont propres. A cet égard, un proverbe africain recueilli lors d’un processus participatif définit « la pauvreté comme l’absence d’avoir, de savoir et de pouvoir. »*

Fica aqui clara a noção de que a abordagem à situação da pobreza no Mundo implica opções metodológicas e teóricas a partir das quais se definem os contornos e se delimitam as fronteiras do fenómeno.

O prémio Nobel de Economia 1998, Amartya Sen, reafirma esta diversidade de leituras desta realidade ao assumir a existência do elemento arbitrariedade na definição do conceito e ao defender que a pobreza é um mundo complexo e a descoberta de todas as suas dimensões exige uma análise clara. E acrescenta:

---

<sup>3</sup> République du Senegal. Un peuple, un but, une foi. Fórum sur la gouvernance en Afrique, Moçambique, Maputo, 23-25 Maio de 2002, p.6

*“Temos de aceitar o elemento de arbitrariedade na descrição da pobreza e torná-lo tão explícito quanto possível.” (Sen, 1979: 228).*

Sen defende ainda que a questão da pobreza deve ser entendida como a *privação de capacidades básicas do indivíduo ou de populações de realizar ou alcançar os seus objectivos de vida*. Não olha para o fenómeno a partir do ponto de vista da carência de determinadas necessidades. Tendo em vista as relações originais que este autor propõe entre ética e economia, e entre ética e racionalidade, bem como o tratamento da temática da desigualdade e da pobreza, posicionamento que lhe valeu o tão cobiçado prémio Nobel de Economia em 1998, Sen estabelece que a pobreza só é aceitável a partir da noção de privação de capacidades de que os cidadãos são despojados e que os impossibilita de atingir determinados desideratos. Por conseguinte, a pobreza não se resume a um ponto de vista economicista, não podendo, por isso, ser entendida apenas como *baixo nível de renda*. (SEN, 2000, p. 110).

De igual modo, e aceitando a perspectiva adoptada pelo economista indiano, o *Relatório do desenvolvimento Humano (RDH) 1997* define a pobreza, do ponto de vista do desenvolvimento humano, como uma privação de possibilidades de escolha e de oportunidades que permitem aos indivíduos levar uma vida decente. A pobreza reveste-se de múltiplas dimensões: brevidade da vida, analfabetismo, exclusão e falta de recursos materiais. Estas dimensões podem se sobrepor para formar diferentes combinações. E avança que:

*“C’est dans la détresse et la misère de l’existence des individus que la pauvreté se manifeste. La pauvreté peut signifier davantage que l’absence de qui est nécessaire au bien-être matériel. La pauvreté, c’est aussi la négation des opportunités et des possibilités de choix les plus essentielles au développement humain: longévité, santé, créativité, mais aussi conditions de vie décentes, liberté, dignité, respect de soi-même et d’autrui. » p. 4*

Assume-se que para os decisores, este conceito é mais pertinente porque se concentra sobre as reais causas da pobreza e desemboca directamente nas estratégias e acções destinadas a criar as oportunidades individuais. Contudo, diz o *Relatório* que a pobreza deve ser abordada na totalidade das suas dimensões e não somente sob o ângulo do *revenu* uma vez que,

*“La pauvreté constitue à la fois un état personnel et un statut social car si ses effets sont mesurables au niveau individuel, ses causes doivent être recherchées à l’intérieur comme à l’extérieur du cercle de la pauvreté. Le caractère social de la pauvreté induit que c’est la société, dans son ensemble, qui est affectée par cette situation ne serait-ce que parce qu’elle est privée des capacités des victimes de la précarité. Au surplus, la pauvreté engendre l’insécurité, la maladie, les migrations, la dégradation de l’environnement...” RDH 1997:*

A primeira base de entendimento sobre a pobreza sugeria que só se poderia falar de pobreza em função dos rendimentos de cada país. Um país que fosse considerado pobre, não dispunha de rendimentos que lhe permitisse assegurar o bem-estar das suas populações, entendendo por bem-estar a satisfação básica das necessidades dos cidadãos. Se assim é, há que perguntar: O que significa uma nação ser pobre? Ou de outra forma, o que é ser um país subdesenvolvido?

Para responder a esta questão, os teóricos têm vindo a distinguir duas modalidades de pobreza: a pobreza absoluta e a pobreza relativa. The Glossary (p. 677-721) inserto em “Concepts of Review” define pobreza absoluta (*absolute poverty*) como:

*“a situation where a population or section of a population is able to meet its only bare subsistence essentials of food, clothing and a shelter to maintain minimum levels of living.”* Remete-nos seguidamente para *international poverty line and subsistence economy* definido como *“an arbitrary international real income measure, usually expressed in constant dollars(e.g. \$ 270)used as a basis for stimulating the proportion of the world’s population that exists at bare level’s subsistence.”*

Estas duas modalidades de pobreza – a absoluta e a relativa – apontam para os critérios em que assenta o conceito: a dimensão monetária e os factores de vulnerabilidade que estão no centro da noção de pobreza.

Questões desta envergadura conduzem-nos ao recentramento da noção de pobreza no quadro do binómio desenvolvimento/subdesenvolvimento (conceitos não desenvolvidos no âmbito desta reflexão), já que na óptica das Nações Unidas *“la lutte contre la pauvreté, au-delà de l’impératif moral qu’elle constitue, est une bataille pour le développement »*.

No entanto, da documentação consultada parece ser tácita e unanimemente aceite a classificação de ser pobre a pessoa que se encontra em situação de extrema privação material. Em que consiste a privação material?

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabelece como linha de pobreza o rendimento abaixo de um dólar americano por dia.

Amartya Sen contesta este princípio de delimitação dos pobres e não pobres (ou ricos). Argumenta que ser pobre não pode ser medido por uma linha imaginária de pobreza – por exemplo, auferir um rendimento igual ou inferior a US\$1 por dia. Ser pobre é ter um nível de rendimento insuficiente para desenvolver determinadas funções básicas, levando em conta as circunstâncias e requisitos sociais circundantes, sem esquecer a interconexão de muitos factores.

Afirma que *“Não se pode estabelecer uma linha de pobreza e aplicá-la rigidamente a todos da mesma forma, sem levar em conta as características e circunstâncias pessoais”* e sem levar em conta determinados factores que são determinantes no cálculo do rendimento de cada indivíduo. Estes factores, para ele, podem ser de ordem geográfica, social ou mesmo biológica. Aos mais

desfavorecidos, por exemplo, faltam-lhes formação/educação, que concorre para a falta de acesso a oportunidades, saúde, justiça; a esperança de vida é reduzida, a convivência com a miséria é a sua realidade quotidiana.

### 1.2. Noção de “pobreza envergonhada”

No âmbito deste trabalho, impõe-se uma noção particular de pobreza a que quisemos atribuir a designação de *pobreza envergonhada*. Assim é entendida na sociedade cabo-verdiana dos anos sessenta em que o pobre era consumido pela natural vergonha de ser pobre. A construção deste conceito vem na linha do pensamento de Baltasar Lopes que, numa entrevista concedida a Michel Laban<sup>4</sup>, em Setembro de 1985, afiançara que “ *aqui em Cabo Verde, há uma espécie de fuga à recepção de esmola... o indivíduo não quer esmola – a não ser o mendigo da rua, o resto não.*” (p.21)

Na realidade, *pobreza* é um termo que não ocorre explicitamente em função da dimensão negativa que transporta. Do ponto de vista do discurso literário (narrativo), é sistematicamente substituída por *expressões eufemísticas* como *remediado*, adjectivo que traduz a ideia de ter alguns haveres, de viver numa decente mediania; *desafortunado*, aquele que tem falta de fortuna ou de sorte, o mesmo que desgraçado ou abandonado pela sorte; *carente*, aquele que sofre privações, que tem falta ou necessidade. Socialmente estas expressões adoptam diferentes conotações conforme os contextos e os autores.

---

<sup>4</sup> Nesta entrevista, Baltasar Lopes se referia ao personagem Parafuso, colega e amigo de Chiquinho, um rapaz inteligente, excelente latinista que, na obra de ficção, morre vítima de tuberculose em decorrência da extrema pobreza em que vivia, juntamente com a família. Laban, Michel, *Cabo Verde. Encontro com Escritores*, vol. I, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1992, p.21

Dissemos na parte introdutória deste trabalho que, em Cabo Verde, a pobreza se constituiu, ao longo dos tempos, num problema social de grande dimensão e que as suas consequências têm sido penalizantes para as populações. Também é verdade que o fenómeno da pobreza foi sempre relacionado com os ciclos de seca, decorrentes da escassez das chuvas, com as fomes e com o frágil equilíbrio do económico.

Na literatura cabo-verdiana, esta realidade tem sido motivo temático para poetas e prosadores, numa abordagem que tem a pretensão de captar as relações entre os textos e os contextos.

Neste quadro, Mindelo, o cenário diegético, não escapa a este flagelo.

### *1.3. Relação pobreza-prostituição*

Embora não haja um estudo aprofundado sobre a prostituição em Cabo Verde, sabemos que a sua presença na literatura cabo-verdiana, sobretudo em textos de alguns autores ligados à sociedade mindelense, como Baltasar Lopes, Aurélio Gonçalves, Gabriel Mariano, Luís Romano, entre outros, faz-se de forma recorrente o que traduz a preocupação destes homens em relação a esse fenómeno social.

Podemos afirmar, sem grandes margens para dúvidas, que a prostituição em S. Vicente faz parte da história dessa ilha, e os registos existentes dizem-nos que, durante o período colonial, era uma situação tolerada pelas autoridades sob rigorosas medidas de contenção e controlo.

Já num artigo publicado em 1915, Augusto M. Miranda denuncia a situação da prostituição em São Vicente, fazendo referência às «*proporções assombrosas*» que o fenómeno assumia por essa altura, considerando serem

dignas de «nossos cuidados».<sup>5</sup> Ele defende que “A prostituição não é um mal social endémico. É um facto que se pode lamentar, mas não ignorar. A tendência para a desonestidade não se pode fazer desaparecer por meio de leis.”

Para este articulista as causas determinativas da prostituição entre nós, embora considere ser este fenómeno próprio de todos os tempos e de todos os povos, são sem dúvida a miséria económica, o amor do luxo e do bem-estar e o proxenetismo, encontrando campo apropriado para actuarem na devassidão do meio, na degenerescência, nos defeitos da educação, em exigências de temperamento e no pouco ou nenhum receio pela acção da justiça por parte dos estupradores, violadores e proxenetas.

Que motivos especiais conduzem a mulher a dar a preferência a esse modo de vida? Uma das causas atribuídas é a falta de condições sociais que em tão subido grau dificultam à mulher uma vida honesta, sendo por conseguinte, a prostituta uma vítima das aludidas condições.

Lombroso e Ferreco, citados por Augusto Miranda, atribuem à miséria económica um papel restrito, considerando a meretriz uma degenerada e a prostituição o equivalente da criminalidade masculina, a forma criminal própria à mulher.

Neste caminho obscuro de África, onde o sol é ardente, as chuvas não abundam e a terra não pode, por consequência, produzir muito, e os lares não conhecem a fartura, que nos parece que sejam as causas de tão contagioso mal? Pergunta Augusto Miranda. E a resposta é que, segundo ele, a prostituição é um mal que não se pode fazer desaparecer por leis. É um facto que se pode lamentar, mas não ignorar sendo nos centros de grande desenvolvimento demográfico que encontra terreno apropriado para se propagar.

---

<sup>5</sup> «A prostituição entre nós», in O Popular, Ano I, S. Vicente, 5 de Janeiro de 1915



Sabe-se que, em todos os tempos, exceptuando as «*coqueluches*», as *meretrizes*, *mulheres de má nota* ou *meninas de vida*, como eram normalmente designadas, provinham quase sempre das classes sociais mais desfavorecidas, onde as carências e as dificuldades de vida as empurravam para a prostituição, pertencendo algumas a extractos marginais da sociedade. Dividiam-se em *toleradas*, aquelas que recolhiam uma espécie de autorização para o exercício da profissão e as *clandestinas*. Aquelas eram obrigadas a trazer consigo uma caderneta, uma espécie de carteira profissional, que registava o cumprimento estreito dos preceitos higiénicos e administrativos, cujo acompanhamento era feito pelas autoridades sanitárias. Eram assim obrigadas a comparecer semanalmente aos postos de saúde da cidade para se submeter a exames médicos sob a apresentação da caderneta enquanto as clandestinas, a maioria, exerciam à margem das leis, em constantes fugas às autoridades, não se encontrando, por isso, sujeitas às fiscalizações e representando em muitas circunstâncias um problema para a saúde pública num quadro de proliferação de doenças sexualmente transmissíveis.

Na sociedade mindelense, as prostitutas ou mulheres da vida não eram bem vistas nem aceites. As senhoras casadas, ou ditas honradas, que viviam maritalmente com os seus maridos ou companheiros, temiam-nas pela eventualidade de serem traídas, caindo os maridos ou cônjuges nas suas garras.

Regra geral, as prostitutas, ou eram moças jovens, que cedo abandonaram a escola e, não conseguindo arranjar um emprego, que não fosse o de criada em casa de gente de bem, sobretudo portugueses radicados no país, ficavam vagueando sem destino pelas ruas da Morada, ou eram mulheres de meia-idade, sozinhas, com muitos filhos, de vários pais, que não tinham outro meio de sustentar a prole a não ser vender-se a troco de diminutos proventos

financeiros. Recusando-se a submeter-se à tirania dos companheiros, que as sustentavam, e fugindo.

Quase sempre solteiras e sem filhos, as meretrizes normalmente estabeleciam-se por conta própria. Arranjavam um espaço fixo onde recebiam os seus clientes que, na maior parte dos casos, se resumia a um quartinho alugado, localizado num dos muitos becos retirados no Lombo, uma das zonas de concentração da prostituição como se poderá constatar da leitura dos textos.

As causas da prostituição são normalmente encontradas na dureza da vida e na falta de oportunidades. Seja como for a prostituição representava o caminho da perdição para a mulher, aquela que nela entrasse, acabava por ganhar as marcas de estigma social de que nunca mais se livraria, isto se não contraísse nenhuma doença maligna que a conduzisse à morte ou não encontrasse nenhum homem que desse cabo da sua vida. A prostituição ocorre então como um espaço de interdição.

## 2.1 *Histórias de vida em universos narrativos*

Em diferentes textos da literatura cabo-verdiana, que se debruçam sobre a vida quotidiana dos cabo-verdianos e tomam como temas de fundo as grandes questões sociais, a temática da prostituição, em relação directa com o fenómeno da pobreza, constitui uma constante literária como já se tinha realçado na parte introdutória desta pesquisa. Escritores como Baltasar Lopes da Silva, António Aurélio Gonçalves, Jorge Barbosa, Luís Romano, Manuel Ferreira, Orlanda Amarílis, entre outros, deram-lhe tratamento literário no quadro da reconstituição da sociedade mindelense e da construção de histórias de vida protagonizadas por personagens femininas.

Assim, um dos contos mais emblemáticos de Baltasar Lopes, intitulado «*A Caderneta*», narra a história de vida de uma mulher, personagem principal de um universo diegético, que tem a tarefa de construir a mensagem literária enquanto narrador-emissor da comunicação narrativa. Relata diferentes episódios da sua história a uma outra personagem, o Senhor Doutor, a quem não dá espaço para se manifestar textualmente, colocando-o, enquanto entidade intratextual, na posição de narratário, ou seja aquela entidade a quem se endereça a mensagem narrativa, podendo ou não manifestar-se à superfície textual. Com o estatuto de narradora autodiegética, constrói uma narrativa que recolhe material diegético no seu percurso vivencial e existencial, destacando com grande ênfase o episódio insólito, centro da narração, em que a administração colonial a obriga a declarar-se prostituta profissional e, em consequência, a observar as normas e os procedimentos instituídos e aplicados à situação de prostituição feminina. Para isso, torna-se portadora da caderneta, o bilhete de identidade das prostitutas.

A acção narrativa gira, então, em torno desta entidade, que no ambiente ficcional mesmo não sendo nova, praticara um acto considerado amoral, por causa da pobreza. Assim sendo, a administração colonial atribuiu-lhe a caderneta que a obrigava a apresentar-se todos os sábados, no hospital, para ser inspeccionada. Por esse motivo, foi à procura do senhor doutor, pois andava desesperada. *«Vim aflita, à sua procura, por estas ruas. É que o caso é urgente, senhor doutor...»* (C.p15)

Ela própria é construtora da diegese, pois só ela avança com a intriga e a conduz até ao fim, pela construção de um discurso fortemente declarativo e convincente, assente em argumentos astutamente construídos de forma a convencer o Senhor Doutor da injustiça de que fora vítima. Por essa razão, e assente num outro ponto de vista, é negada a autoria da narração a esta personagem. Para Alberto Carvalho, estudioso da literatura cabo-verdiana, a perspectiva narrativa situa-se no Senhor Doutor, é ele quem, a partir da fusão com o narrador de grau zero, narra a história, ouvida da boca da personagem que a viveu. Este posicionamento é sustentado pela construção do discurso que não estaria ao alcance da personagem em termos de competência discursiva e de sustentação persuasiva.

A personagem principal, não se assumindo perante a sociedade como meretriz, alega em sua defesa não ter exercido nunca esta profissão. Aceita que em momentos pontuais da sua juventude a sua necessidade a impeliu a receber em sua casa um ou outro cliente, mas que presentemente não tinha mais idade, nem força e nem *«gagê»* para comprometer ninguém. Já não era o que foi nos outros tempos. *«...fui o que o senhor deve saber. Não tive juízo.»* (C.p17) O senhor Silva dava-lhe tudo mas não conseguia estar só com ele. *«Não podia matar a minha sede no senhor Silva...»* (C.p17)

Outros acontecimentos episódicos da sua vida são contados com a intenção de ajudar a compreender o episódio central. Para sustentar a tese de que foi vítima de injustiça e intriga por parte da vizinhança, a narradora relata que na sua teia de relações não conta com os vizinhos mais próximos, pois não é bem vista pelos que vivem e frequentam a casa de Bia Vina. Ao saberem do envolvimento da narradora com um estrangeiro, denunciam-na ao comissariado que lhe coloca uma caderneta na mão.

*«Quando viram que havia um estrangeiro em minha casa, pensaram logo que eu lhes ia tirar fregueses... O Mano de nha Pimpa e aquela gente de xungaria intrigaram-me no Comissariado. Foram dizer ao Sr. Administrador que eu era mulher de pouca vergonha, e o resultado é que me puseram caderneta na mão».* (C.p18) É por causa dessa caderneta que se desencadeia a intriga que coloca no centro essa mulher do povo que antigamente exercia a prostituição.

Pelo contrário, a protagonista demonstra ter boas relações com o filho, pois diz: *«...aquele rapaz é amigo da sua mãe a valer...Lela, bom Lela, bom filho! Não tenho outro, mas não imagina, senhor doutor, a grandeza que tenho com aquele menino. Mandou-me dinheiro a princípio, ...»* (C.p16) Por ele, faria tudo, até mesmo deixar a prostituição e, por isso, avança que *«Mas depois que Lela se fez rapaz entendido, nunca mais eu quis envergonhar a sua cara.»* (C.p17)

Tomando em consideração o assunto que se queria resolver no comissariado, que era o da senhora ficar sem a caderneta, podemos dizer que a narrativa desta história fica em aberto, pois não se sabe que fim levou a mulher. Ela despede-se do senhor doutor para este poder falar com o Senhor Administrador e combina de se encontrar com ele depois de sair do tribunal. *«Agora eu fico ali naquela loja, para o Sr. Administrador não me ver... Fico lá e reparo quando o senhor sair do Comissariado... A gente encontra-se no largo da Estação Rádio, e o senhor doutor dá-me a resposta.»* (C.p19)

Esta é a história desta mulher, sem nome e sem rosto, na qual se corporizam todas as mulheres mindelenses e cabo-verdianas.

Num dos textos mais conhecidos de Aurélio Gonçalves, «*Virgens Loucas*», são apresentadas três amigas: Nuna, Betinha e Domingas. Meninas da noite, resolveram nesse dia passar a tarde juntas a conversar sobre vários tipos de assuntos. À tardinha pensaram em continuar a conversa pela noite dentro, mas havia um problema, Domingas lembrou-se que não tinha petróleo em casa nem dinheiro para o comprar.

Assim, decidiram sair à procura de alguém que lhes desse dinheiro para o petróleo de modo a que pudessem cumprir o desiderato de passarem a noite juntas no quartinho de Domingas. Durante o trajecto, passaram por alguns sítios, tais como a casa de nhâ Germana e a oficina de nhô Teodoro, onde Betinha ficou deslumbrada por causa da luz eléctrica. Ela sentia-se atraída pela luz eléctrica como se fosse uma borboleta. Ao chegarem no botequim de Crisanto havia dois estrangeiros que se preparavam para brigar. Quando a briga aconteceu, houve um senhor chamado Vítor que conseguiu separa-los e Betinha aproveitou-se para elogiá-lo e dizer-lhe aos ouvidos que não tinha petróleo em casa. O senhor Vítor retirou do bolso uma moeda de dois escudos e cinquenta centavos e entregou-lha. Tendo o dinheiro, as amigas continuaram o seu caminho ate à lojinha de nhô Léla de Memento, a fim de comprar o petróleo. A porta do estabelecimento já estava fechada e o dono não ficou contente com a chegada delas. Pediram e suplicaram que lhes vendesse o petróleo, mas nhô Léla disse-lhes que não havia, pois o restinho que tinha na lata era para ele. Era um comerciante que tinha passado por muitas dificuldades e desprezava as pessoas que se descuidavam de suas obrigações. As amigas acabaram por

passar a noite juntas, mas no escuro. E Betinha prometeu que daquele dia em diante a sua lembrança, logo de manhã seria o seu candeeiro.

As três raparigas que vivem da prostituição são diferenciadas pela sua descrição o que explica de algum modo como foram atiradas para a vida fácil. Betinha é a personagem que recebe maior destaque cujos atributos são pormenorizadamente descritos. Betinha era uma jovem mulata que tinha o rosto feito com esmero, ingénua e com muitos atributos físicos que lhe permitiam sair do Lombo e arranjar um marido, “...era a única engraçada: mulata, de corpo ainda jovem, fisionomia delicada e - feição que se destacava contrastando com a tonalidade escura da pele - os olhos de pupila verde com um brilho de primitiva.» (VL. p107) mas achava que tinha vindo ao mundo com o seu destino traçado. Sendo assim, não conseguiria abandonar a vida de meretriz. «Mamã não quer compreender que cada um vem a este mundo com um destino.» (VL.p109) Gostava da mãe, mulher casada dona de sua casa, mas preferia a companhia das amigas pois aquela não queria que ela fosse à sua casa enquanto não tivesse deixado a vida que levava. Todas as vezes que ia à casa dela, era recebida com guerra. «Sai desta vida; Não me apareças’li em casa se não saíres desta vida;» (VL. p109)

Durante todo o percurso, desde que saíram da casa de Domingas, até chegarem à loja de nhô Léla, passaram por vários lugares onde havia luz resplandecente. Betinha sentia-se atraída por ela e desviava-se várias vezes do percurso fazendo com que demorassem em alcançar o objectivo traçado. «-Ah, esta é que é luz!... Correu, dobrou a esquina à procura da entrada.» (VL.p115) Contribuía desta forma para o descontentamento das amigas. Por um lado, porque o tempo passava, e por outro, porque era sempre repelida pelas pessoas que se encontravam nesses lugares. «Vai, vai no teu caminho. Vens mas é distrair-me estes rapazes. Vai para ond’é que estás a ir.» (VL.p115) «Betinha é doida. Eu digo-o e não é de hoje. A gente tem que a tomar como ela é.» (VL.p115) Domingas

aproveitava essas ocasiões para se rir dela, ao mesmo tempo que a incentivava a deixar o Lombo mesmo sabendo que era impossível. «*Domingas não perdeu a ocasião de se rir dela, de chalacear com a chocarrice de expor o impossível aos olhos de um sonhador*» (VL.p112) «*Tu estás novinha, não és nenhum peixe podre.*» (VL.p113)

Foi ela quem conseguiu arranjar o dinheiro para o petróleo, dirigindo galanteios ao Sr. Vítor, no botequim de Crisanto. « - Você?...Hom', você é o homem mais destemido que está nesta terra. (...) - Sr. Vítor, não estou com petróleo em casa.» (VL.p119) Sentia-se culpada pela vida que levava e interrogava-se a si própria sobre o que fez dela mesma.

Na lojinha do senhor Léla tomou consciência que levava uma vida desgraçada, manchada e impura. Não sabia o que tinha feito à sua vida. «...crescia nela o sentimento de irremediável desastre, de vida sacrilegamente poluída, o qual se exprimia por um grito íntimo de agonia.'A minha vida! Que fiz da minha vida.'» (VL.p125) Mulher-borboleta pois sentia-se atraída e fascinada pela luz. «...como a casa de nhô Romana brilha!» (VL.p112) Na oficina de nhô Teodoro ela exclama. «-Ah, esta é que é luz!» (VL.p115) Na loja de nhô Léla fica deslumbrada ao ver a chama do candeeiro. «A chama cresceu, alta, extraterrena, viva, com pulsações de artéria, inatingível.» (VL.p115)

Betinha é uma jovem com o rosto feito com esmero, «*fisionomia delicada*» (p107) figura que se contrasta com a cor escura da pele. «...mulata, de corpo ainda jovem, ...» (VL.p107) Era uma pessoa ingénua «*olhos de pupila verde com um brilho de primitiva*». (VL.p107)

Era uma jovem com atributos físicos que lhe permitiam sair do Lombo e arranjar um marido, mas achava que tinha vindo ao mundo com o seu destino já traçado. «*Mama não quer compreender que cada um vem a este mundo com um destino.*» (VL.p109)



Segundo a amiga Domingas, ela só queria luxo. «-Ó, como a casinha de nhâ Romana brilha! Casa é assim. Algum dia, Deus há-de me dar uma igual?» (VL.p112) Achava que ela não era uma pessoa pervertida nem cheia de vícios. «Tu estás novinha, não és nenhum peixe podre.» (VL.p113). Nuna achava-a doida. «É filha de Júlia Babaxa mulher casada, dona de sua casa. Acha que o senhor Teodoro a repelia porque estava naquela vida e disse-lhe: “Também, um dia, quando você tiver precisão, você não acha.» (.L.p116)

A personagem Domingas foi quem teve a ideia de propor que dormissem juntas, naquela noite, depois de terem passado a tarde na conversa. «As três raparigas tinham passado a tarde juntas...» (VL.p107) Nesse dia não estava com vontade de sair para rua à procura de homens. «Não estou com vontade de sair hoje para correr para cima e para baixo a espiar homem.» (VL.p109)

Tinha trabalhado como criada em casa de nhâ Quinha de Carlos Simplício. «Ond’é que eu servi de criada?... Não foi em casa de nhâ Quinha de Carlos Simplício?» (VL.p116)

Era pobre, vivia sozinha pois não há notícias de existência de algum familiar. Sendo assim, não tinha ninguém que a pudesse ajudar. Ela habitava num quarto, «um buraquinho onde meter a cabeça, como é costume dizer-se...mobiliário de pobre...o conjunto parecia recoberto de qualquer substância que não era fácil definir; trazia à lembrança ideias como humidade, impureza empastada nas paredes, amolecendo os trastes, ...» (VL.p.108) Não tinha marido por falta de sorte e não por estar naquela vida, ou por ser feia embora fosse «(...) a mais feia, baixa, bochechuda, macilenta, caminhando para obesa, duramente castigada pela desgraça.» (p108) «Tudo vai da sorte, menina. Ali-me’li. Por que é que eu não me casei? Por que é que eu não tenho marido? É por que sou feia? Por que estou nesta vida?...Só porque não tive sorte.» (VL.p112)

Relativamente a Nuna é-nos dito apenas que tinha o «...rosto negro, cansado, os lábios grossos, pintados, os olhos turvos - olhos de refilona, com a revolta no fundo... cabelos desfrisados...» (VL.p.110)

## 2.2 Mindelo, espaço de prostituição

Mindelo é o espaço geo-narrativo onde decorre a acção diegética que os contos configuram. Historicamente, pelos anos 60 do séc. XX, esta cidade-porto, que no passado tinha conhecido algum desenvolvimento, enfrentava sérias dificuldades económicas não só em função da decadência gradual do Porto Grande como também devido à pouca atenção que as autoridades portuguesas votavam a esta nação. Não nos esqueçamos que ainda sob o regime colonial, e num período em que já tinha estalado a guerra de libertação nacional em Angola e na Guiné-Bissau, com o envolvimento das demais colónias portuguesas, as políticas económicas e de apoio às populações ou eram débeis ou na prática não existiam.

A acrescentar a estes factos, é de referir o início da emigração massiva para o exterior, sobretudo para o Senegal, na África, e para alguns países da Europa, como Holanda, Portugal e Itália, tendo como resultado, a curto prazo, o despovoamento de determinadas áreas e a ausência dos chefes de família. Isto sem contar com a emigração para São Tomé a partir dos anos 40, o caminho do Sul para onde os cabo-verdianos eram levados na condição de contratados.

Segundo nos explica Correia e Silva<sup>6</sup>, o movimento do porto carvoeiro fez S. Vicente diferenciar-se das outras ilhas em muitos aspectos, incluindo no

---

<sup>6</sup> Correia e Silva, António, Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo, Centro Cultural Português, Praia-Mindelo, 2002, p136-137

que diz respeito às doenças. Os trabalhadores contraíam tuberculose por causa da inalação do fumo do carvão, e essa doença propagava-se nos bairros por haver muita pobreza e promiscuidade. Também havia a propagação da sífilis que contribuiu para que houvesse muitas mortes. Como não havia condições para a erradicação da mesma, as autoridades sanitárias tomaram medidas, procedendo ao: «(...arrolamento e matrícula das meretrizes, instituição da fiscalização sanitária das mesmas através de cadernetas (no Lombo e na rua de Cavoquim) e a construção de uma enfermaria para sífilíticas.»(VL.p.137) Foram considerados pequenos remédios para grandes males.

A ilha de S. Vicente era considerada lugar de perdição, pois qualquer pessoa que lá desembarcasse era de imediato rodeada por prostitutas, vagabundos, cicerones. As casas de prostituição e os estabelecimentos de bebidas mantinham vivos os pobres sanvicentinos.

Na cidade do Mindelo, a prostituição clandestina é considerada um cancro roedor, de consequências múltiplas, influências dissolventes e resultados funestíssimos, visto que em mais elevado grau proporciona a transmissão de doenças venéreas, acusará talvez uma percentagem muito superior à tolerada.

As prostitutas não se sujeitam à vigilância da autoridade administrativa e subtraem-se ao tratamento correspondente, por fugirem à acção das entidades sanitárias. Elas minam a saúde pública em S. Vicente, de uma forma pasmosa. Alastram o flagelo pelos incautos que confiam na aparente sanidade daquelas que não se acham subordinadas aos regulamentos respectivos. «A criada de servir, pelo simples uso de um copo, tem chegado a comunicar a sífilis à senhora, o que põe em sobressalto as pessoas honestas e sãs, pela incerteza em que vivem, no meio onde superabunda a prostituição sem fiscalização.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> «A prostituição entre nós», in O Popular, Ano I, S. Vicente, 5 de Janeiro de 1915

A grande maioria das «*meninas de vida*» vive dos tripulantes dos barcos que chegam a Mindelo, representando os japoneses e os coreanos o grosso dos clientes. Não têm um «*ponto*» de actuação, circulam pela cidade à espera que o cicerone lhes traga o cliente, por essa razão é vulgar vê-las deambular pelas diversas artérias da cidade, sobretudo em áreas de maior concentração e movimento, ou em zonas em que o ambiente é degradante, projectando-se essa degradação no modo vivencial e existencial das populações que nelas habitam. Isto é visível nas narrativas em estudo, onde são descritos alguns espaços da cidade em que as acções se concentram, sejam eles abertos ou fechados. É o caso do Lombo e de outras ruas reconhecidas como locais de prostituição destacando-se sobretudo a Rua António Nola, Rua de Cavoquim e a Ribeira Bote. Vejamos por exemplo, como é descrita uma das ruas mais frequentadas de Mindelo, pormenorizadamente descrita em «*Virgens Loucas*»: “...Rua António Nola. Rua antiga, maltratada, esquecida num recanto da aurela da cidade. Abriram-na como, em bons tempos, se construía uma rua em S. Vicente. De ambos os lados, levantaram dois barracões compridos que — pode dizer-se quase — se estendem de uma extremidade a outra, segmentados em habitações de um só compartimento. Ficou um longo corredor, de ordinário, com pouca luz à noite, ladeado por dois quarteirões uniformes, dois monólitos baixos, alongando-se semiocultos na sombra, com vagas claridades, reflexos de lâmpadas, estampando-se pelas paredes. Mesmo assim pobre, sem nada que ver, esta ruela tem um ambiente (também, não se sabe feito de quê) capaz de trazer à lembrança cenas de um Mindelo de há muitos anos, com um porto animado de um movimento tumultuoso, insuflando vida a uma população atarefada e variada de trabalhadores da baía, delirando em bailes a pau-de-corda, oferecendo ligações fáceis, consumindo vidas (figuras desapareciam de repente) – Um Mindelo de trabalho, de sensualidade, de morte.» (VL.p117)

Do mesmo modo os espaços fechados, locais de encontro e de diversão, como os bares e botequins são relevantes para a configuração do espaço social

de promoção da prostituição. Em «*Virgens Loucas*», o Botequim do Crisanto era um ponto de paragem obrigatória para os frequentadores da noite, descrito como « (...) *um lugarzinho acanhado, com o espaço ainda reduzido pelo balcão, onde mal cabia uma dúzia de frequentadores.*» (VLp117)

Perto da Ribeira Bote, encontra-se «*A mercearia de nhô Léla de Memento*» que ficava «*num dos confins da cidade, num larguinho contornado de muros baixos a resguardar quintais e dos infalíveis alinhamentos de rés-do-chão vindos de tempos atrasados – a caliça das frontarias desfazendo-se – a exalar pobreza e velhice. Ao fundo, distinguia-se - a fundir-se com o escuro - um trecho marginal da Ribeira Bote, com a sua aparência de gravura a água-forte representando um aspecto nocturno de orla da aldeia, na qual se recortam manchas negras, angulosas, acentuando-se num fundo de treva. O estabelecimento estava instalado num dos quatinhos; entrava-se por uma porta baixa, gretada, com a terra solta e puída ajuntando-se na soleira.*» (V.L.p120) Em jeito de comentário, o narrador remata: «*Coitada, não era, decididamente, o que se chama uma loja bem fornecida. O aspecto era destes estabelecimentos mal-agourados, que presenciaram as cenas de algumas falências...O balcão construíra-se com madeira por aplainar, tirada de caixotes de petróleo...prateleiras sobrepostas... quase vazias, negras do tempo e da poeira. Pelo chão...sacos abertos, deixando ver milho, batata, arroz...*» (V.L.p121)

Nesta novela, como já se referiu, o espaço que alberga as três amigas é quatinho onde vive Domingas. É descrito como: «*O quatinho era pequeno – um buraquinho onde meter a cabeça, como é costume dizer-se – com a porta da entrada, janela para rua e mais uma serventia para o quintal... mobiliário de pobre – claro está – mas espanejado, esfregado, objectos cada qual no seu lugar. Apesar disso, o conjunto parecia coberto de qualquer substância que não era fácil definir; trazia à lembrança ideias como humidade, impureza empastada nas paredes, amolecendo os trastes,*

*desgastando, impregnando o ambiente e que nenhum cuidado já poderia limpar.»*  
(V.L.p108)

O quartinho de Domingas ficava numa viela do Lombo: «*A viela (entalada, como a esconder-se, no meio de outras vias mais apresentáveis) era uma lástima: tinha o chão de terra remexida, como por enxurradas, rastejava, manchada e deformada pelo tempo e pelo abandono. Alguns “quartinhos” renovados intrometiam-se por entre casebres. Principiava estreitinha, em forma de canal, deitando para o espaço tenebroso. De súbito, desalinhava-se e descia alargando-se cada vez mais, ladeada de pardieiros, até findar na estrada para a Ribeira Bote, imitando a abertura de velho funil esbeçado*». (V.L.p110)

De todos os espaços enumerados onde a prostituição feminina se concentra e se desenvolve, o Lombo é tradicional e oficialmente reconhecido como o espaço de exercício tolerado da prostituição, recebendo as mulheres que lá actuam a designação de «*meninas do Lombo*». Do escritor António Aurélio Gonçalves recebeu o rótulo de “*viveiro agitado e venenoso que é o Lombo*”.<sup>8</sup>

### 2.3. As personagens femininas - do drama da pobreza à prática da prostituição

«*Virgens Loucas*» constrói uma intriga em que três mulheres, vítimas da pobreza, recorrem à prostituição como forma de ganhar a vida. Mesmo sendo uma profissão reconhecida, essas mulheres são marginalizadas dentro da sociedade a que pertencem. Representam uma classe desprotegida, mal vista, e repelida pelas pessoas, tanto homem como mulheres, quando estes se encontravam nos seus locais de trabalho ou em casa. «*A minha intenção era sair daqui para casa da Mamã. Mas ela tem o seu defeito: recebe-me sempre com guerra. Ela*

---

<sup>8</sup> In «Pródiga», Gonçalves, A. Aurélio, Noite de Vento, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, Praia, s/d, p. 58

*não tem outra coisa senão: «Sai desta vida! Sai desta vida! Não me apareças'li em casa se não saíres desta vida!» (V.L.p109) «Vai, vai no teu caminho. Vens mas é distrair-me estes rapazes.» (V.L.p115) «- Nhô Teodoro!...Assim é que você me manda sair? Que é que eu lhe fiz?» (V.L.p115) Nhô Lela demonstra desprezo ao falar com elas. «Quem é que vocês são?» (V.L.p125)*

Não têm apoio familiar, não têm trabalho e nenhuma formação. Vivem na pobreza, pois nem dinheiro para petróleo têm. *«Não temos dinheiro, mas uns dez tostõezinhos não é preciso mais».* (V.L.p109) Contentam-se com pouco, com o que a vida lhes dá.

Segundo elas, não tem sorte, cumprem um destino e, por isso a entrega é incondicional, não há nada a fazer. *«Mamã não quer compreender que cada um vem a este mundo com um destino.» (V.L.p109) «Tudo vai da sorte, menina... Por que é que eu não me casei? ...É por que sou feia? Por que estou nesta vida?...Só por que não tive sorte.» (V.L.p112)*

A sequência narrativa utilizada em relação às personagens principais é o encadeamento, pois as acções têm um seguimento cronológico, que começa no quarto de Domingas onde as três passaram a tarde juntas e de onde saíram à procura de dinheiro para comprar o petróleo e termina ao saírem da loja de nhô Lela, sem conseguirem o produto procurado, embora tenham tentado persuadi-lo, através dos seus argumentos. *«...só agora é que a gente arranjou dinheiro.» (VL.p121) «-Ó, nhô Léla de Memento, é um pinga. Só um pinga! De esmola!» (VL.p122) «-Ó, nhô Léla, você não nos diga que você vai-nos deixar sem um pinga de petróleo.» (V.L:p122) «Ó, nhô Léla, não é descuido.» (V.L:p122)*

A narrativa é fechada, na medida em que o objectivo delas era dormirem juntas, no quarto de Domingas e foi isso que no final decidem fazer, mesmo sem luz. *«-Sim, hoje dormimos no escuro.» (VL.p127)*

Em «A Caderneta», através de um grande plano analéptico, que se alterna com o plano do presente, a acção vai evoluindo, no seu decorrer veloz, o que permite a concentração de muitos anos de história em poucos minutos de discurso. O recurso ao passado, para narrar factos da sua vida, é uma estratégia utilizada por esta personagem manipuladora, para persuadir o senhor doutor a aceitar a sua causa e a defendê-la das garras da justiça e do poder.

Nos tempos da sua juventude, ela foi meretriz não profissional já que agia marginalmente, na clandestinidade, profissão que alternava com outras funções de menor reconhecimento social. «...fui o que o senhor deve saber. Não tive juízo.» (C.p17) O senhor Silva dava-lhe tudo mas não conseguia estar só com ele. «Mas eu não podia matar a minha sede no senhor Silva...». (C.p17)

Trabalhara também como lavadeira e engomadeira quando havia militares em S. Vicente «... meu trabalho é lavar e engomar, mas quando a tropa estava cá em S. Vicente.» (C.p17)

Depois que o filho cresceu, não quis envergonhá-lo, mas as dificuldades eram tantas que não conseguiu recusar o estrangeiro que queria passar parte da noite com ela. Era considerada mulher limpa. Era uma mulher pobre e não tinha dinheiro nem para cachupa. Tinha só uma combinação mas com remendos.

«Senhor doutor, a gente quer a vida, mas a vida não quer a gente.» (VL.p16)

O tempo, que tudo corrompe, e a idade que tudo transforma, modificaram-lhe o jeito a maneira de ser e de pensar. Queria deixar a vida de prostituição porque tinha um filho a respeitar e também porque sentia vergonha, mas não possuía meios para se sustentar. Por outro lado, já não tinha mais idade, nem força e nem gagê. Também o facto de não ter constituído uma família que a pudesse sustentar nos momentos de crise, contribuiu para que ela, a



dado momento da vida, voltasse a prostituir-se. «...só Deus sabe a necessidade que eu tinha então.» (C.p17) «Aquela gente não viu que a minha necessidade que me fez receber o noruega naquele dia?» (C.p18) «Há dias a fio que passo a perentém.» (C.p17)

A emigração do filho não contribuiu para que a vida dessa senhora melhorasse, pois o mesmo poucas vezes conseguiu enviar dinheiro à mãe. «Mandou-me dinheiro a princípio...» (C.p16)

A senhora cometeu um deslize porque Joza Cicerone esteve um dia em casa dela falando de um estrangeiro que queria passar parte da noite em casa de uma mulher limpa, e como estava passando por necessidade aceitou, Recebeu o homem estrangeiro em sua casa e os da casa de xungaria pensaram que ela ia fazer-lhes concorrência. Foi necessidade que lhe fez receber o estrangeiro. Não tinha idade para tirar fregueses à Bia.

«Não nego, senhor doutor, não posso negar. Naquele dia recebi um homem.» (C.p16) «... só Deus sabe a necessidade que eu tinha então.» (C.p17)

Ela foi descoberta pelas pessoas da casa de Bia Vina e intrigaram-na no Comissariado. Por isso, precisava do senhor doutor para falar com aquele, a fim de ela ficar livre da caderneta e deixar de comparecer no hospital todos os sábados. Sendo naquele dia quinta-feira, precisava que o assunto ficasse resolvido antes do sábado. No fim a senhora combinou com o sr. doutor de se encontrarem, depois que este tivesse falado com o Sr. Administrador.

O doutor não se encontrava num dos locais onde trabalhava, o que fez com que a senhora o procurasse em vários outros lugares. Encontrou-o numa rua por onde passava. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, só a mulher é que falava, expondo o seu problema, ao mesmo tempo em que relembrava da sua vida de juventude, das pessoas com quem convivera, entre

as quais o filho Lela que estava embarcado. Este deixava-lhe muita falta, pois há muito tempo não tinha enviado nenhum dinheiro e ela estava necessitada.

*«Ó senhor doutor, foi Deus que me trouxe para esta rua!» (C.p15) «Vim aflita, à sua procura...» (C.p15)*

A sua história de vida confunde-se com a história de muitas mulheres sanvicentinas que, por essa altura, lutavam por um lugar ao sol. Incorporadas numa sociedade madrastra que pouco as beneficiava, com pouca instrução e abandonadas pela sorte, sentiam-se encurraladas e, num instinto de sobrevivência, entregavam-se aos homens a troco de alguma ajuda financeira. *«Naquele dia recebi um homem. Era um estrangeiro, creio que era sueco, ou Noruega, dum vapor que tinha chegado ao porto.» (C.p16)*

### 3. Considerações finais

O tema que se propôs desenvolver nesta pesquisa relaciona a «*pobreza envergonhada*» com a prática da prostituição, através de uma abordagem literária, situando a esfera de actuação na sociedade mindelense. Pretendia-se, por isso, a leitura literária de textos produzidos por alguns escritores caboverdianos, de entre os quais Baltasar Lopes e António Aurélio Gonçalves.

Começou-se por abordar de forma genérica o conceito de pobreza no mundo e, mais especificamente, na África subsaariana, zona geopolítica onde o país se encontra localizado. A vasta bibliografia sobre o tema pobreza exhibe vários olhares sobre o fenómeno o que inviabiliza de certo modo a consensualidade na definição das medidas a adoptar-se no seu combate. Contudo são unânimes as ideias de que a pobreza grassa a nível mundial e, por conseguinte, é importante que medidas de políticas sejam tomadas, para que pelo menos se reduza esse fenómeno, como tem preconizado de alguns anos para cá a Organização das Nações Unidas (ONU) e outras organizações internacionais.

A pobreza encontra-se articulada com outras realidades sociais, económicas, históricas e culturais, recorrentes nos países ditos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, como a explosão demográfica, as desigualdades sociais e a marginalidade, a mortalidade infantil, entre outros. Como quer que seja, parece ser consensual a ideia de que pobreza joga com privação dos próprios direitos dos seres humanos.

Impõe-se, por isso, uma abordagem teórica e conceptual desta realidade já que se apresenta como um conceito de geometria variável, dotado de uma

multiplicidade de sentidos construídos em função da conjugação de factores de natureza diversa - tempo, espaço (de país para país), de indivíduo para indivíduo, entre outros.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), ser pobre é ter um rendimento abaixo de um dólar por dia. Amartya Sen contesta este princípio de delimitação dos pobres e não pobres (ou ricos). Argumenta que ser pobre não pode ser medido por uma linha imaginária de pobreza – por exemplo, auferir um rendimento igual ou inferior a US\$1 por dia. Ser pobre é ter um nível de rendimento insuficiente para desenvolver determinadas funções básicas, levando em conta as circunstâncias e requisitos sociais circundantes, sem esquecer a interconexão de muitos factores. Afirma que *"Não se pode estabelecer uma linha de pobreza e aplicá-la rigidamente a todos da mesma forma, sem levar em conta as características e circunstâncias pessoais"* e sem levar em conta determinados factores que são determinantes no cálculo do rendimento de cada indivíduo.

Sen defende ainda que a questão da pobreza deve ser entendida como a *privação de capacidades básicas do indivíduo ou de populações de realizar ou alcançar os seus objectivos de vida*. Não olha para o fenómeno a partir do ponto de vista da carência de determinadas necessidades.

Em Cabo Verde, a pobreza foi, ao longo dos tempos, um problema social grave, de ampla dimensão e consequências gravosas para as populações, relacionada sobretudo com os ciclos de seca e com o frágil equilíbrio do desenvolvimento económico. Neste quadro, Mindelo, o cenário diegético das narrativas em análise, não escapa a este flagelo.

As mulheres das camadas mais desfavorecidas são desde sempre, e em todas as latitudes, as vítimas directas da pobreza. Sentem-se encurraladas pelos

dramas de uma existência dramática e sem futuro. Sendo assim, são atraídas e manipuladas pela força e pela lei do mais forte. Desempenham um conjunto variado de papéis sociais, entre as quais a prostituição. As que para ela entram, ganham estigma social do qual nunca mais se livram. Por isso, são socialmente marginalizadas, exploradas, ignoradas.

A representação literária da pobreza põe decisivamente em cena as mulheres, como se demonstrou através da leitura dos textos escolhidos. Em diferentes textos da literatura cabo-verdiana, este é um tema recorrente no quadro dos grandes problemas sociais abordados, e apresenta-se como uma consequência directa da situação de extrema pobreza em que viviam e vivem ainda alguns estratos da nossa sociedade.

Em «*Virgens Loucas*» assistimos ao drama de três mulheres, vítimas da pobreza, que recorrem à prostituição como forma de ganhar a vida. Do mesmo modo, em «*A Caderneta*», uma mulher, de idade já avançada, debate para se livrar de um estigma social – a caderneta, o bilhete de identidade de meretriz, quando já tinha firmemente decidido não voltar a se prostituir por vergonha e por respeito ao seu filho, um homem feito já, mas a falta de meios para se sustentar falou mais alto, obrigando-a a reiterar os seus erros. Foi por essa razão considerada pelos vizinhos como uma mulher desrespeitosa, de pouca-vergonha, embora o negasse com quanta força tinha, à beira de ser banida do seu espaço residencial.

Para todas elas, a pobreza é uma condição existencial a que se conformam embora seja providencial contorná-la para que o curso da vida decorra na normalidade.

#### IV. Referências bibliográficas

«A prostituição entre nós», in *O Popular*, Ano I, S. Vicente, 5 de Janeiro de 1915

CANDIDO, Antônio: *Literatura e Sociedade*. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

CHEVALIER, Alain e Alain GHEERBRANT, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Robert Laffront, 1982.

CORREIA E SILVA, António Leão e *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*, Centro Cultural Português Praia – Mindelo, 2000

FILHO, João Lopes, *Vozes da Cultura Cabo-verdiana*, Edições Ulmeiro, Lisboa, 1998,

FRANÇA, Arnaldo “ Prefácio” In GONÇALVES, António Aurélio, *Noite de Vento*, Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1989

GENETTE, Gérard, *Discurso da Narrativa*, Lisboa, Veja, 1996.

GOMES, Aldónio e CAVACAS Fernanda, *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa, 1992

GONÇALVES, António Aurélio “ Virgens Loucas” in *Noite de Vento*, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, Praia, s/d

LABAN, Michel, *Encontro com Escritores*, Fund. Eng. Antonio de Almeida, Porto, 1992

LOPES, Baltasar, “ A Caderneta” in *Os Trabalhos e Os Dias*, colecção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, Tipografia Lousanense, Lda, Junho de 1987.

LOPES, Baltasar, In *Chiquinho, romance caboverdiano*, Edições Calabedotche, S. Vicente, Mindelo, Dezembro de 1997

MOISÉS, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*, Ed. Cultrix. São Paulo, 1982

REIS, Carlos, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1992

REIS, Carlos, *O conhecimento da literatura - introdução aos estudos literários*, Coimbra: Almedina, 1995

*Relatório do desenvolvimento Humano (RDH)*, Organização das Nações Unidas, ONU, 1997

*République du Senegal. Un peuple, un but, une foi. Fórum sur la gouvernance en Afrique*, Moçambique, Maputo, 23-25 Maio de 2002

SEN, Amartya, *Desenvolvimento como Liberdade*, Gradiva Publicações, Lisboa, 1999 (tradução de Joaquim Coelho Rosa)

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1986

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria e Metodologia Literárias*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990

